

## **MEDIUNIDADE TRANSVIADA**

Amag Ramgis

Nos Domínios Da Mediunidade – Capítulos 27 – 29 - 30

Descera a noite totalmente, quando penetramos estreita sala, em que um círculo de pessoas se mantinha em oração.

Varias entidades se imiscuíam ali, em meio dos companheiros encarnados, mas em lamentáveis condições, de vez que pareciam inferiores aos homens e mulheres que se fazia componentes da reunião. Apenas o irmão Cássio, um guardião simpático e amigo, de quem o Assistente nos aproximou, demonstrando superioridade moral.

Notava-se-lhe, de imediato, a solidão espiritual, porquanto desencarnados e encarnados da assembléia não lhe percebiam a presença e, decerto, não lhe acolhiam os pensamentos.

Ante as interpelações de nosso orientador, informou algo desencantado:

- Por enquanto, nenhum progresso, não obstante os reiterados apelos à renovação. Temos sitiado o nosso Quintino com os melhores recursos ao nosso alcance, mobilizamos livros, impressos e conversações de procedência respeitável, no entanto, tudo em vão... O teimoso amigo ainda não se precatou quanto às duras responsabilidades que assume, sustentando um agrupamento desta natureza... Áulus buscou reconforta-lo com um gesto silencioso de compreensão e convidou-nos a observar.

Revestia-se o recinto de fluidos desagradáveis e densos.

Dois médiuns davam passividade a companheiros do nosso plano, os quais, segundo minhas primeiras impressões, jaziam convertidos em criados autênticos do grupo, assalariados talvez para serviços menos edificantes. Entidades diversas, nas mesmas condições, enxameavam em torno deles, subservientes ou metediços.

O fenômeno da psicofonia era ali geral.

Os sensitivos desdobrados se mantinham no ambiente, alimentando-se das emanções que lhes eram peculiares.

Raimundo, um dos comunicantes, sob as vistas complacentes do diretor da casa, conversava com uma senhora, cuja palavra leviana inspirava piedade.

- Raimundo – dizia -; tenho necessidade do dinheiro que há meses vem sendo acumulado no Instituto, do qual sou credora prejudicada. Que me diz você de semelhante demora?

- Espere minha irmã – recomendava a entidade -, trabalharemos em seu benefício.

E a palestra continuava.

- A solução é urgente. Você deve ajudar-me com ação mais expedita. Tente uma volta pelo gabinete do diretor ranzinza e desenrave o processo... Você quer o endereço das pessoas que precisamos influenciar?

- Não, não. Conheço-as e sei onde moram...

- Vejo Raimundo, que você anda distraído. Não se interessou por meu caso, com a presteza justa.

- Não é bem assim... Tenho feito o que posso.

E enquanto a matrona baixava o tom de voz, cochichando, um cavalheiro maduro dirigia-se a Teotônio, o outro comunicante da noite, clamando, indiscreto:

-Teotônio, até quando me cabe aguardar?

A entidade, que parecia embatucar-se com a pergunta, silenciou humilde, mas o interlocutor alongou-se, exigente:

- Vai para quatro meses que espero pela decisão favorável referente ao emprego que me foi prometido. Entretanto, até hoje!... Você não conseguiria liquidar o problema?

- Que deseja que eu faça?

- Sei que o gerente da firma é do contra. Ajude-me, inclinando-o a simpatizar-se pela boa solução de meu caso.

Nisso, outra senhora ocupou a atenção de Raimundo, solicitando:

- Meu amigo, conto com o seu valioso concurso. Sou mãe. Não me conformo em ver minha filha aceitar a proposta de um homem desbriado, para casar-se. Nossa posição em casa é das mais alarmantes. Meu marido não suporta o homem que nos persegue, e a menina revoltada tem sido para nós um tormento. Você não poderá afastar esse abutre?

Raimundo respondeu subserviente, enquanto Quintino tomava a palavra, logo em seguida, pedindo uma prece, em conjunto, a fim de que os desencarnados se fortalecessem para corresponder à confiança do grupo, prestando-lhes os serviços solicitados.

Entendimentos e conversas continuaram entre comunicantes e clientes da casa, todavia, não mais lhes dei atenção, considerando-lhes o obscuro aspecto.

Em aflitivas circunstâncias, vira obsediados e entidades endurecidas no mal, através de tremendos conflitos; contudo, em nenhum lugar sentia tanta compaixão como ali, vendo pessoas sadias e lúcidas a interpretar o intercâmbio com o mundo espiritual como um sistema de criminosa exploração, com alicerces no menor esforço.

Aqueles homens e mulheres que se congregavam no recinto, com intenções tão estranhas, teriam coragem de pedir a companheiros encarnados os serviços que reclamavam dos Espíritos? Não estariam ultrajando a oração e a mediunidade para fugir aos problemas que lhes diziam respeito? Não dispunham, acaso, de veneráveis conhecimentos para mobilizar o cérebro, a língua, os olhos, os ouvidos, as mãos e os pés, no aprendizado enobrecedor? Que faziam da fé? Seria justo que um trabalhador relegasse a outros a enxada que lhe cabia suportar e mover na gleba do mundo?

Áulus registrou-me as reflexões amargas, porque, generoso, deu-se pressa em reconfortar-me:

- Um estudo atual de mediunidade, mesmo rápido quanto o nosso, seria completo se não perquiríssemos a região do psiquismo transviado, onde Espíritos preguiçosos, encarnados de desencarnados, respiram em regime de vampirização recíproca. Aliás, constituem produto natural da ignorância viciosa em todos os templos da Humanidade. Abusam da oração tanto quanto menoscabam as possibilidades e oportunidades de trabalho digno, porquanto espreitam facilidades e vantagens efêmeras para se acomodarem com a indolência, em que se lhes cristalizam os caprichos infantis.

- Mas prosseguirão assim, indefinidamente? – perguntei.

- André, sua dúvida está fora de propósito. Você possui bastante experiência para saber que a dor é o grande ministro da Justiça Divina. Vivemos a nossa grande batalha de evolução. Quem foge ao trabalho sacrificial da frente, encontra a dor pela retaguarda. O Espírito pode confiar-se à inação, mobilizando delituosamente à vontade, contudo, lá vem um dia a tormenta, compelindo-o a agitar-se e a mover-se para entender os impositivos do progresso com mais segurança. Não adianta fugir da eternidade, porque o tempo, benfeitor do trabalho, é também o verdugo da inércia.

Hilário, que refletia silencioso, junto de nós, inquiriu preocupado:

- Porque se entregaram nossos irmãos a semelhantes práticas de menor esforço? Há tantas lições de aprimoramento espiritual, há tantos apelos à dignificação da mediunidade, nas linhas doutrinárias do Espiritismo!... Por que o desequilíbrio?

Áulus pensou alguns instantes e redargüiu:

- Hilário, é imprescindível recordar que não nos achamos diante da Doutrina do.

Espiritismo. Presenciamos fenômenos mediúnicos, manobrados por mentes ociosas, afeiçoadas à exploração inferior por onde passam dignas, por isso mesmo, de nossa piedade. E não ignoramos que fenômenos mediúnicos são peculiares a todos os santuários e a todas as criaturas. Quanto à preferência de nossos amigos pela convivência com os desencarnados ainda imensamente presos ao campo sensorial da vida física, incapazes ainda de mais ampla visão das realidades do Espírito, isso é compreensível na Terra. É sempre mais fácil ao homem comum trabalhar com subalternos ou iguais, porque, servir ao lado de superiores exige boa-vontade, disciplina, correção de proceder e firme desejo de melhorar-se. Sabemos que a morte não é milagre, cada qual desperta, depois do túmulo, na posição espiritual que procurou para si... Ora, o homem vulgar sente-se mais à solta junto das entidades que lhe lisonjeiam as paixões, estimulando-lhe os apetites, de vez que todos somos constrangidos a educar-nos, na vizinhança de companheiros evolutivos, que já aprenderam a sublimar os próprios impulsos, consagrando-se à lavoura incessante do bem.

- Mas não será isso um abuso do homem encarnado? Não será crime parasitaros desencarnados de condição inferior? – indagou Hilário.

- Isso não padece dúvidas – confirmou o instrutor.

- E esse delito ficará impune?

Áulus fixou leve expressão de bom humor e respondeu:

- Não se preocupem demasiado. Quando o erro procede da ignorância bem intencionada, a Lei prevê recursos indispensáveis ao esclarecimento justo no espaço e no tempo, porquanto a genuína caridade, sob qualquer título, é sempre venerável.

Entretanto, se o abuso é deliberado, não faltará corrigenda.

Vagueou o olhar sobre o diretor da assembleia e sobre os medianeiros que incorporavam os comunicantes e acrescentou:

- Teotônio e Raimundo, tanto quanto alguns outros desencarnados da posição deles, e que aqui se aglomeram, realmente são mais vampirizados que vampirizadores. Fascinados pelas requisições de Quintino e dos médiuns que lhes prestigiam a obra infeliz, seguem-lhes os passos, como aprendizes no encaço dos mentores aos quais se devotam. Na hipótese de não se reajustarem no bem, tão logo se

desencarnem o dirigente deste grupo e os instrumentos medianímicos que lhe copiam as atitudes, serão eles surpreendidos pelas entidades que escravizaram, a lhes reclamarem, orientação e socorro, e, mui provavelmente, mais tarde, no grande porvir, quando responsáveis e vítimas estiverem reunidos no instituto da consangüinidade terrestre, na condição de pais e filhos, acertando contas e recompondo atitudes, alcançarão pleno equilíbrio nos débitos em que se emaranharam.

Ante a nossa admiração silenciosa, o Assistente concluiu:

- Cada serviço nobre recebe o salário que lhe diz respeito e cada aventura menos digna tem o preço que lhe corresponde.

Logo após, Áulus concitou-nos a partir.

O ambiente não encorajava maior estudo e já havíamos assimilado a lição que ali poderíamos receber.

### **Anotações em serviço**

De retorno ao lar de Áulus, ocorreu-me auscultar-lhe a opinião com respeito a diversos problemas, sempre vivos ao redor de quantos se dedicam ao estudo de questões mediúnicas, na atualidade terrestre.

Em companhia do orientador, havíamos tocado de relance, mas seguramente, palpitante material, que nos facultara excelente curso educativo.

Examináramos, de perto, entre encarnados e desencarnados, a assimilação de correntes mentais, a psicofonia, a possessão, o desdobramento, a clarividência, a clariaudiência, as forças curativas, a telepatia, a psicometria e a materialização, além de alguns dos temas de importância central da mediunidade, como sejam o poder da prece, a fixação mental, a emersão do subconsciente, a licantropia, a obsessão, a fascinação, a lei de causa e efeito, o desdobramento no leito de morte e as energias viciadas, tudo isso em necessidade de recursos a complicações terminológicas.

Não obstante nosso respeito à ciência humana, indagávamos intimamente por que motivo tanto embaraço verbalístico em sucessos comuns a todos, quando a simplificação seria bem mais interessante. Os metapsiquistas chamavam “criptestesia” à sensibilidade oculta, cripta, e batizaram o conhecimento de fatos sem o concurso dos sentidos carnis com a palavra “metagnomia”... Dividiam os médiuns (sujets, na terminologia de alguns investigadores) em duas categorias, os de “faculdades psicológicas inabituais” e os de “faculdades mecânico-físico-químicas”...

E por aí afora...

Por que não aplinar tais dificuldades de expressão? Afinal – refletia eu -, a mediunidade, na essência, consulta o interesse da Humanidade inteira...

Acalentava tais pensamentos, quando Áulus, observando-me, por certo, a crítica meditada, considerou:

- A mediunidade, indubitavelmente, é patrimônio comum a todos, entretanto, cada homem e cada grupo de homens no mundo registram-lhe a evidência a seu modo. De nossa parte, é possível abordá-la com a simplicidade evangélica, baseado nos ensinamentos claros do Mestre, que esteve em contato incessante com as potências invisíveis ao homem vulgar, curando obsidiados, levantando enfermos conversando com os grandes instrutores materializados no Tabor, ouvindo os mensageiros celestiais em Getsemani e

voltando Ele próprio a comunicar-se com o discípulos, depois da morte na cruz, entretanto, a ciência terrestre, por agora, na pode analisa-la sem o rigor da experimentação.

O Assistente fez ligeira pausa e prosseguiu:

- Não importa que os aspectos da verdade recebam vários nomes, conforme índole dos estudiosos. Vale a sinceridade com que nos devotamos ao bem. Laborioso esforço da Ciência é tão sagrado quanto o heroísmo da fé. A inteligência com a balança e com a retorta, também vive para servir ao Senhor. Esmerilhando o fenômenos mediúnicos e catalogando-os, chegará ao registro das vibrações psíquicas, garantindo a dignidade da Religião na Era Nova.

Não desejava, porém, situar a conversação nos domínios científicos. Nosso aprendizado atingia o marco final. Aquela era a última noite em que podíamos desfrutar a sábia companhia do orientador e propunha-me ouvi-lo quanta mediunidade em si.

Por essa razão, provoqueei o diálogo que passarei a desdobrar.

- É justo que a Ciência não examine o campo mediúnico por nosso prisma aleguei. – A lógica e a experimentação positiva caminham por estradas muito diferentes daquelas que conhecemos no itinerário da intuição. No entanto, na próprias correntes do Espiritualismo, vemos a mediunidade atormentada pelas mais diversas interpretações...

- Que pretende você dizer, André? – falou o instrutor, com brandura.

Lembro-me daqueles irmãos que acoimam os médiuns de insanos e loucos aconselhando a segregação dos estudantes da verdade em templos de iniciação, deliberada distancia dos sofrendores e dos ignorantes que contamos no mundo pó legiões inumeráveis...

- Ah! Sim, o santuário de iniciação religiosa, qualquer que ele seja, é para nó venerável como posto avançado de distribuição da luz espiritual; entretanto, os que fogem dentro dele à lei da cooperação, isolam-se na torre de marfim do orgulho que lhes é próprio, fixando-se em discussões brilhantes e estéreis. Tais companheiro assemelham-se a viajantes agrupados em perigosa ilha de repouso, enquanto o nautas corajosos do bem suam e sofrem na descoberta de rotas seguras para continente da fraternidade e da paz. Descansam sob o arvoredos, confortados pela caça abundante e pela água refrescante, pesquisando a grandeza do céu o filosofando sem proveito, mas sempre chega um dia em que a maré brava lhe invade o provisório domicílio, arrebatando-os ao mar alto, para que recomecem a experiência que lhes é necessária.

- Muitos estudiosos da nossa esfera de realização no mundo asseveram que será lícito cultivar tão-somente o convívio com os gênios superiores d Espiritualidade, relegando as manifestações mediúnicas vulgares à fossa d obsessão e da enfermidade, que, na opinião deles, devem ser entregues a si mesmas, sem qualquer atenção de nossa parte.

- Isso é comodismo sob o rótulo de cultura. Não podemos negar que obsessão seja moléstia da mente, contudo, poderá a Medicina curar alguém à força de usar o esquecimento do dever que lhe cabe? Os gênios realmente superiores d Espiritualidade jamais abandonam os sofrendores e os pequeninos. À maneira do Sol que clareia o palácio e a fumaça, com o mesmo silencioso devotamento auxiliam todos, em nome da Providência.

- Há companheiros no Espiritualismo que não suportam qualquer manifestação primitivista no terreno mediúnico. Se o médium não lhes corresponde à exigência revelando-se em acanhado círculo de compreensão ou competência, afastam-s dele, agastadiços, categorizando por fraude ou mistificação valiosas expressões d fenomenologia.

Áulus sorriu e comentou:

- Serão esses, provavelmente, os campeões do menor esforço. Ignoram que sábio não dispensou a alfabetização no começo da existência e, decerto, amaldiçoa a criancinha que não saiba ler. Semelhantes amigos, André, olvidaram o socorro que receberam da escola primária e, solicitando facilidades, à maneira do morfinômano que reclama entorpecentes, viciam-se em atitudes deploráveis à frente da vida, de vez que tudo exigem para si, desrespeitando a obrigação de ajudar aos que ainda s encontram na retaguarda.

- Há quem diga que o Espiritismo age erradamente, abrigoando os desequilibrados e os enfermos, porque, com isso, oferece a impressão e uma Doutrina que, à força de ombrear com a loucura para socorrê-la, vai convertendo seus templos de oração em vastos refúgios de alienados mentais.

- Simples disparate dos que desertam do serviço ao próximo. A Medicina na sofre qualquer diminuição por prestar auxilio aos enfermos. Honrada pelos hospitais em que atua, engrandece-se à medida que se agiganta na obra assistencial aos doentes. O Espiritismo não pode responsabilizar-se pelos desequilíbrios que lhe pedem amparo, tanto quanto não podemos imputar ao medico a autoria dos male que lhe requisitam a intervenção. Aliás, temos nele o benfeitor da mediunidade torturada e da mente doentia, propiciando-lhes os bálsamos e o esclarecimento indispensáveis ao reajuste. É muito fácil inventar teorias que nos exonerem do dever de servir, e muito difícil aplicar os princípios superiores que esposamos, utilizando-nos, para isso, de nossa cabeça e de nossas próprias mãos. Se a recuperação do mundo e de nós mesmos estivesse circunscrita a lindas palavras, o Cristo, que nos constitui o padrão de todos os dias, não precisaria ter vindo ao encontro dos necessitados da Terra. Bastaria enviasse proclamações angélicas à Humanidade, sem padecer-lhe, de perto, a incompreensão e os problemas. Felizmente, porém, os espiritualistas conscientes e sensatos estão aprendendo que o nosso escopo é reviver o Evangelho em suas bases simples e puras e que o Senhor não nos concede o tesouro da fé apenas para que possamos crer e falar, mas também para que estejamos habilitados a estender o bem, começando de nós mesmos.

- Há igualmente quem afirme que em todos os processos da obsessão funciona, implacável, a lei de causa e efeito, e que, por isso, não vale interferir em favor da mediunidade atormentada...

- Mera argumentação do egoísmo bem nutrido. Isso seria o mesmo que abandonar os doentes, sob o pretexto de que são devedores perante a Lei. Todos lutamos por ressarcir compromissos do pretérito, compreendendo que não há dor sem justificação; e se sabemos que só o amor puro e o serviço incessante são capazes de garantir-nos a redenção, uns à frente dos outros, como desprezar o companheiro que sofre, em nome de princípios a cujos funcionamentos estamos submetidos por nossa vez? Hoje, é o vizinho que amarga as conseqüências de certas ações efetuadas a distancia, amanhã seremos nós a colher os resultados de gestos que nos desabonavam o passado e que agora nos afligem

o presente. Se falece a cooperação entre as vítimas do espinheiro, decerto será muito mais longa e difícil para cada um a tarefa salvadora.

- Não faltam igualmente os que supõem não devamos atender a qualquer problema de mediunidade complexa, porque, dizem eles, cada criatura deve procurar a verdade por si. Admitem que as religiões não passam de muletas e que ninguém assiste a faculdade de socorrer-se de instrutores em assuntos da própria orientação.

Áulus esboçou um gesto de bom humor e redargüiu:

- Isso seria suprimir a escola e vilipendiar o amor imanente na Criação Inteira.

A religião digna, qualquer que seja o templo em que se expresse, é um santuário de educação da alma, em seu gradativo desenvolvimento para a imortalidade.

Imaginemos um país imenso, em que milhões de crianças fossem relegadas ao abandono pelos pais e mestres, sob a alegação de que lhes cabe o dever de procurar a virtude e a sabedoria por si, furtando-se-lhes toda espécie de apoio moral e cultural... Imaginemos um campo enorme superlotado de enfermos, aos quais eminentes médicos recomendassem procurar a saúde por si mesmos, confiando-os à própria sorte... Onde estaria a lógica de semelhantes medidas? A interdependência mora na base de todos os fenômenos da vida. O forte é tutor do fraco. O sábio responsabilizar-se-á pelo ignorante. A criancinha na Terra não prescinde do concurso dos pais.

O instrutor fez ligeiro intervalo e prosseguiu:

- É preciso considerar que nem todos possuem idêntica idade espiritual e que a Humanidade Terrestre, em sua feição de conjunto, ainda se encontra tão longe da angelitude quanto à agressiva animalidade ainda está distante da razão perfeitamente humana. É muito cedo para que o homem se arrogue o direito de apelar para a

Verdade Total... Por agora, é imprescindível trabalhe intensivamente, com devoção ardente e profunda ao bem, para atingir mais amplo discernimento das realidades fragmentarias ou provisórias que o cercam na vida física e, considerada a questão nesse aspecto, estejamos convictos de que a ausência de escolas do espírito ou a supressão dos instrutores constituiriam a multiplicação dos hospícios e o rebaixamento do nível moral, porque sem o apelo à dignificação a individualidade, em processo de crescimento mental e de sublimação no tempo, não poderíamos contar senão com a estagnação nas linhas inferiores da experiência.

Havíamos, contudo, atingido o fim da viagem.

O lar-santuário em que o Assistente residia levantava-se, agora, ao nosso olhar.

- Trabalhem com bom ânimo – disse-nos ainda o orientador -; o tempo conjugado com o serviço no bem é o alicerce de nossa vitória.

No dia imediato, Áulus deveria partir no rumo de elevada missão a distancia.

Por isso, prometeu-nos o abraço de adeus para a manhã seguinte.

## **Últimas páginas**

Acompanhávamos o Assistente, refletindo agora em nossa separação...

Achávamo-nos, Hilário e eu, preocupados e comovidos.

Ante o Sol renascente, o campo terrestre brilhava em plena manhã clara.

Mudos e expectantes renteamos com um homem do campo manobrando a enxada na defesa do solo.

Áulus apontou-o com a destra e rompeu o silêncio, murmurando:

- Vejam! A mediunidade como instrumentação da vida surge em toda a parte.

O lavrador é o médium da colheita, a planta é o médium da frutificação e a flor é o médium do perfume.

Em todos os lugares, damos e recebemos, filtrando os recursos que nos cercam e moldando-lhes a manifestação, segundo as nossas possibilidades.

Avançávamos e, em breves momentos, víamo-nos defrontados por singela oficina de carpinteiro.

Nosso orientador indicou o operário que aplainava enorme peça e observou:

- Possuímos no artífice o médium de preciosas utilidades. Da devoção com que se consagra ao trabalho, nasce elevada percentagem de reconforto à Civilização.

Não longe, surpreendemos pequena marmoraria, à porta da qual um jovem envergava o escopro, ferindo a pedra.

- Eis o escultor – disse Áulus -, o médium da obra-prima. A Arte é a mediunidade do Belo, em cujas realizações encontramos as sublimes visões do futuro que nos é reservado.

O Assistente prosseguiu enunciando importantes considerações sobre o assunto, quando passamos por alguns empregados da higiene pública, removendo o lixo de extensa praça.

- Aqui temos os varredores – disse com respeitoso acento -, valiosos médiuns da limpeza.

Logo após, contornamos um edifício em que funcionava um tribunal de justiça e nosso instrutor adiantou:

- Vemos aqui o fórum onde o juiz é o médium das leis. Todos os homens em suas atividades, profissões e associações são instrumentos das forças a que se devotam. Produzem, de conformidade com os ideais superiores ou inferiores em que se inspiram, atraindo os elementos invisíveis que os rodeiam, conforme a natureza dos sentimentos e idéias de que se nutrem.

Atingíramos, no entanto, o lar em que Hilário e eu nos dedicaríamos ao socorro de uma criança doente.

Nesse ponto da excursão, o orientador, esperando a distância, separar-se-ia de nós, por fim.

Áulus seguiu-nos, paternal.

Na intimidade doméstica, um cavalheiro maduro e a esposa tomavam café em companhia de três petizes.

Ladeando a mesa limpa e sóbria, descansava em larga poltrona o menino abatido e pálido que nos recolheria o esforço assistencial.

O instrutor fixou os olhos no quadro expressivo que nos tomava a atenção e exclamou:

- A família consangüínea é uma reunião de almas em processo de evolução, reajuste, aperfeiçoamento ou santificação. O homem e a mulher, abraçando o matrimônio por escola de amor e trabalho, honrando o vínculo dos compromissos que assumem perante a Harmonia Universal, nele se transformam em médiuns da própria vida, responsabilizando-se pela materialização, a longo prazo, dos amigos e dos adversários de ontem, convertidos no santuário doméstico em filhos e irmãos. A paternidade e a maternidade, dignamente vividas no mundo, constituem sacerdócio dos mais altos para o Espírito reencarnado na Terra, pois, através delas a regeneração e o progresso se efetuam com segurança e clareza. Além do lar, será difícil identificar uma região onde a mediunidade seja mais espontânea e mais



pura, de vez que, na posição de pai e de mãe, o homem e a mulher, realmente credores desses títulos, aprendem a buscar a sublimação de si mesmos na renúncia em favor das almas que, por intermédio deles, se manifestam na condição de filhos.

E, num sopro de bela inspiração, concluiu:

- A família física pode ser comparada a uma reunião de serviço espiritual no espaço e no tempo, cinzelando coração para a imortalidade.

Em seguida, o Assistente leu o mostrador de um relógio e observou:

- Quem caminha com a responsabilidade não deve esquecer as horas.

Retirou-se, precipite, e seguimo-lo até a praça próxima.

Áulus fixou o céu azul em que o Sol como que se desfazia em chuva de ouro quintessenciado, e dispunha-se a enlaçar-nos, quando me percebeu o propósito mais íntimo, falando com humildade:

- Faça a prece por nós, André!

Reverente, pedi em voz alta:

- **Senhor Jesus!**

**Faze-nos dignos daqueles que espalham a verdade e o amor!**

**Acrescenta os tesouros da sabedoria nas almas que se engrandecem no amparo aos semelhantes.**

**Ajuda aos que se despreocupam de si mesmos, distribuindo em Teu Nome a esperança e a paz...**

**Ensina-nos a honrar-te os discípulos fiéis com o respeito e o carinho que lhes devemos.**

**Extirpa do campo de nossas almas a erva daninha da indisciplina e do orgulho, para que a simplicidade nos favoreça a renovação.**

**Não nos deixes confiados à própria cegueira e guia-nos o passo, no rumo daqueles companheiros que se elevam, humilhando-se, e que por serem nobres e grandes, diante de Ti, não se sentem diminuídos, em se fazendo pequeninos, a fim de auxiliar-nos...**

**Glorifica-os, Senhor, coroando-lhes a frente com os teus lauréis de luz!...**

O orientador devia saber que ele próprio personificava para nós os benfeitores a cuja grandeza nos reportávamos; entretanto, não ousei pronunciar-lhe o nome, tal a veneração que nos merecia.

Terminada a oração, fitei-o de olhos úmidos.

Áulus não disse uma palavra.

Revestido de radiações luminescentes, dando-nos a entender que se despedia de nós igualmente em prece, recolheu-nos num só abraço e partiu...

À maneira de criança, Hilário e eu, em pranto mudo de reconhecimento, contemplamo-lo, até que se lhe apagou o vulto ao longe.

Lembramo-nos, então, do trabalho que nos aguardava e, louvando o serviço que em toda a parte é a nossa bênção, passamos a socorrer a criança enferma, como quem se incorporava ao grande futuro...